

Aí vai a história que prometi contar sobre nosso avô, o Marinheiro.

Mas antes, algumas notas. Escutei esta história, contada por Vovó Belinha, muitas e muitas vezes. Eu ouvia com atenção e certo temor, parecendo que era a primeira vez. Vovó sempre contava com os mesmos detalhes, o que me fez acreditar na sua veracidade. Procurei fazer alguma pesquisa, mas, a única fonte disponível foi o documento obtido no Serviço de Documentação Geral da Marinha sobre a carreira de nosso avô. Nele, pouco ou quase nenhum esclarecimento encontrei sobre o fato. Na verdade vovó nunca se referiu à época, ao ano, e assim ficou difícil encontrar algo no documento. Uma única pista sobre um naufrágio ou arribação documentada na carreira do Almirante causou mais dúvidas do que esclarecimento. Ele era 1º Tenente da Armada, quando saiu numa viagem de instrução para Cabo da Boa Esperança, em 15/12/1890. Regressou ao Rio em 2/1/1891, por “ter o navio arribado por haver aberto água”. O navio era a Corveta Nicteroy. A grande dúvida era que vovó contava o incidente como tendo acontecido no Mar Vermelho. Será que do Rio eles foram para o norte, entraram no Mediterrâneo, depois no Mar Vermelho e pretendiam contornar a África pelo “lado de lá” e seguir na direção sul até o Cabo da Boa Esperança? Bem chega de *achismo* ou de pensamentos geográfico-filosóficos e vamos ao que Dª Belinha contou.

## HISTÓRIA DE MARINHEIRO

Eu era ávido de histórias sobre meu avô e raramente vovó Belinha contava alguma coisa. A história do naufrágio que meu avô viveu, era o máximo para mim.

Ele partiu do Rio, em viagem de instrução com aspirantes, seguiu para Gibraltar, passou pelo Mediterrâneo e entrou no Mar Vermelho. A costa da África estava à vista, do lado direito do curso. De repente o navio começou a “fazer água” ou “abriu água” como diziam naquela época. O naufrágio era eminente. O comandante e o nosso avô, que era o imediato do navio (2º homem à bordo na hierarquia), resolveram abandonar o barco e, com os escaleres (aqueles barquinhos à remo), transportaram a tripulação até à costa do continente africano, um enorme deserto. O comandante e o imediato foram os últimos a deixar o navio que, em seguida afundou. Vovô, cumprindo suas funções, levou consigo a documentação do navio e também todo o dinheiro que estava à bordo. Como? O dinheiro ele colocou numa tira de lona que foi amarrada na sua cintura e com a blusa por cima ninguém percebia. Epa, *pera aí*, o que ele fez com o dinheiro? Nada de maus pensamentos... Era com este dinheiro que eles pretendiam pagar as despesas da tripulação, depois que fossem resgatados, até voltar ao Brasil. Acontece que estavam no deserto, morrendo de medo de serem assaltados pelos bandidos daquela região, que montavam camelos e atacavam qualquer um que *desse sopa no pedaço*.

A sorte ajudou e apareceu um navio inglês que os viu (sinal de fumaça? Não havia celular naquele tempo...), resgatou e os levou até Alexandria, no Egito. Lá vovô, certamente cansado de ficar com aquela grana toda enrolada na barriga, comprou uma caixa de chapa preta, com chave e uma alça de bronze, onde colocou o dinheiro e a documentação do navio. Esta caixa estava com Vovó Belinha, como um troféu da aventura do Marinheiro e muito logicamente passou - depois de

muita insistência - para mim. E está comigo até hoje. Não dou, não empresto, só deixo ver de longe. E viva o Marinheiro, meu herói!

Paulo Cadaval

Belo Horizonte, 16/12/2008